

Artes e Letras

Os últimos momentos de Afranio Peixoto

(Para o "CORREIO POPULAR")

— ALCEU AMOROSO LIMA —

(Da Academia Brasileira de Letras)

(Oração pronunciada em sessão solene da Academia, quando o mais alto cenáculo da inteligência nacional homenageou a memória do grande escritor patricio)

Mestre Afranio

Na cadeira de Castro Alves, assentou-se na Academia, mestre Afranio, — esse ba- no ilustre que há quase meio século trabalhou, ininterruptamente, pelo progresso de nossas letras e de nossa própria cultura.

Desde cedo, integrado ao movimento intelectual do país, compreendeu como ninguém as razões do seu destino de homem de pensamento, dedicando-se com uma constância verdadeiramente exemplar, aos problemas da evolução cultural da pátria.

Serviado-se de um talento por todos os títulos digno de nota, escreveu corajosamente, destemidamente, e a sua produção nas letras, quer literárias ou científicas, alcança, já, a soma expressiva de quase uma centena e meia de volumes.

Romancista de raras virtudes, grande clínico, eminente historiador, figura a sua bagagem entre as que mais honram o esforço e a probidade da literatura nacional. Com seguro domínio do idioma, que fez questão de chamar português, imprimiu, Afranio Peixoto, aos seus labores, o encanto apenas encontradado nos escritores que já trazem do berço as credenciais do pendor literário.

Nasceu o mestre em Leãois, no Estado da Bahia, a 17 de dezembro de 1876. Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Salvador, em 97, desempenhando a seguir vários cargos públicos de relevo.

Foi inspetor sanitário, diretor do Hospital Nacional de Alienados, da Instrução Pública do Distrito Federal, professor da Escola Normal, das Faculdades de Medicina e Direito do Rio de Janeiro, do Instituto de Educação, e emérito da Universidade do Brasil. Desempenhou mandatos populares na Câmara dos Deputados, de 24 a 30, representando o seu Estado Natal.

Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia de Ciências de Lisboa e do Instituto de Medicina Legal de Madrid.

Foi doutorado "honoris causa" pelas Universidades de Lisboa e Coimbra.

Possuía a Grã-Cruz da Ordem de Santiago, de Portugal, sendo comendador da Legião de Honra, da França, da Ordem de S. Maurício, da Itália, e Leopoldo II, da Bélgica.

Sem dúvida, o mais autorizado e erudito do país, Afranio Peixoto levou a termo apreciáveis estudos acerca da obra do grande épico lusitano e suas relações com vários ramos da ciência, compondo ainda com Pedro Pinto, um utilíssimo "Dicionário dos Lusíadas".

Ocuparam-se, em livro, do estilista de "Bugrinha", "Fruta do Mato" e "Viagem Sentimental", Fernandes Costa ("Afranio Peixoto e a sua obra"), Agostinho de Campos ("Páginas escolhidas de A. Peixoto") e Wilhelm Giese ("Afranio Peixoto, romancista").

Teve, recentemente, a sua obra completa impressa por V. M. Jackson, Inc., pertencendo-lhe, na Academia, o "fauteuil" n. 7.

No quarto além do enfermo, havia apenas quatro pessoas. Por oito meses a fio, aquelas paredes tinham assistido à lenta e penosa desagregação daqueles membros, que eu jamais conhecera parados ou doentes, e ali jaziam quase inertes no silêncio da manhã de estio. O ar estava fresco, como na montanha. Um refrigerador trabalhava suavemente a um canto e por vários dias dera, à imaginação sempre alerta do romancista, a ilusão consciente de que estava a bordo, em viagem, de volta para o Rio para sua casa, para os seus livros. Curado talvez.

No quarto havia quatro pessoas, além dele, o Cardeal, seu secretário, o enfermeiro e eu. Dias antes telegrafara a esposa a uma das irmãs do escritor, fundadora de quatro ou cinco educandários, reformadora de outros tantos, mulher superior que o irmão respeitava e amava profundamente. "Pepita, venha. Só você poderá decidir Afranio".

Certa madrugada em que um estranho repouso descera sobre aquele corpo retorcido de dores por meses a fio, ela perguntara se não queria receber a Deus. "Eu estou muito mais perto de Deus do que vocês pensam", foi a resposta.

Voltara depois o ciclo implacável da moléstia. Aquela incomparável conversador, que enchera por meio século os salões do Rio, os cafés, as bibliotecas, as academias, as salas de aula, os anfiteatros, com o fulgor de uma palavra alada, cujo brilho, cuja vivacidade, cujo anedotário, cuja memória, cujo borboletear incansável deixava nos ouvintes a impressão das abelhas de uma colmeia que, em vez de sugarem a essência das flores fossem drenar as páginas das enciclopédias, — aquele conversador sem par viera pouco a pouco silenciando. Não gostava das visitas mudas, que se sentam para ver o doente decair. Cansava-se de ouvir. Mas ainda de falar. E por isso defendia a sua porta, como a última fortaleza dos que têm pudor de sofrer ou desfigurar-se em público e se es-

condem como os druzos, para morrer.

Sentindo, a distancia de meses a aproximação da morte, fizera de seu quarto uma cela. Eis porque, naquela hora decisiva, só havia ao pé do leito os homens de Deus e os de casa.

Na véspera, a irmã religiosa telegrafara do Maranhão dizendo ser impossível vir de avião e prevenindo que pedira ao Cardeal o fosse ver.

Ali estava o príncipe da Igreja, como capelão de hospital, que fora por muitos anos, no seu ministério preferido, o de ajudar as almas na hora difícil da despedida do mundo.

Desde a véspera o estado do doente, piorava decisivamente. De manhã cedo já engulia com extrema dificuldade. Raros os movimentos. Olhos fechados, mãos arroxeadas e estendidas com um simples e último gesto reflexo que por meses vinha tendo de levar os dedos à testa. Já não conhecera o médico, que diariamente acolhia como amigo do peito e portador de uma esperança de vida, que só poucos dias antes abandonara de um. Na véspera à noite, a expectativa era de coma próximo. As últimas ampólas de soro, aplicadas dificilmente a uma veia fugitiva, haviam prolongado por horas uma existência que guardara aos setenta anos a trepidação dos vinte.

Quando o cardeal entrou no quarto, o quadro fazia prever uma absoluta passividade de do agonizante. Imóvel, com o corpo minguado, em que só a cabeça avultava, como se só ela não tivesse diminuído com a moléstia, estava voltado para a cabeceira onde a Cruz de nossa redenção abria os braços. Era um cadáver sobre o leito. Nem a respiração agitada da véspera dava sinais visíveis de existir. Não fôra o zumbido surdo do refrigerador e nada quebraria o silêncio das coisas e do próprio ser humano, que ali já parecia de todo extinto e entregue à viagem de volta que a todos nos espera.

"Doutor Afranio", diz em voz firme o sacerdote, acercando-se do leito e chegando a

boca aquela face devastada pelo sofrimento e já da cor do marfim.

Qualquer coisa volta a tona, naquele corpo sem movimento. Abre os olhos e murmura, não dos lábios, mas do fundo do abismo prestes a fechar-se, a mais banal das exclamações mas que é preciso ter ouvido pronunciado naquelas circunstâncias, por uma alma já em grande parte restituída ao silêncio da imortalidade, para se compreender como as palavras têm tanto mais vida em nós, quanto mais morta está a nossa carne.

"Heim", é o sinal de vida que nos dá o naufrago, mostrando que o essencial ainda não se desprendera da miséria orgânica que ali faz imóvel.

"Quem está aqui é o Cardeal que lhe veio fazer uma visita".

Abrem-se os olhos do moribundo. "O senhor acha que eu fiz bem em vir?"

Agora já não é mais uma exclamação que brota daqueles lábios inchados e brancos. É uma palavra. Uma autêntica palavra. Um desses preciosos tesouros com que nos separamos do mutismo das coisas e com que fazemos a alegria e a desgraça do mundo.

"Fez". E acenou afirmativamente com a cabeça. Como basta pouco para se dizer tudo. Como em três letras se contém um mundo. Aquela "fez" nos dava, a quatro homens em face do mistério de uma agonia, a solução à nossa muda pergunta. Naquele corpo inerte ainda pulsava um coração consciente e não apenas uma viscera vermelha.

"O senhor me conhece, Doutor Afranio?" (prosegue o homem de Deus).

E, novamente, — já agora em sentido oposto, numa eloquente e decisiva confirmação de que a luz, pela última vez, aquela devastação orgânica — novamente se movem os lábios que julgáramos selados para sempre.

"Não", e a cabeça acena em sinal negativo.

Realmente até então nunca

se haviam encontrado o bala-no ilustre, todo voltado para as letras do mundo, com o ilustre catarinense, todo voltado para a conquista das almas. Duas trajetórias diversas, muito diversas, que só vinham cruzar-se no momento em que uma delas partida para a viagem sem volta, onde as letras ficam e as amas seguem bagagem.

Seria aliás um erro julgar que Afranio Peixoto foi apenas, como pode ter por vezes parecido, um cético, um ironista, um lavrador de paradoxos, indiferente às coisas essenciais, que não se resolvem nem com o sorriso nem com o saber, nem mesmo com o talento ou o genio por maiores que sejam.

Foi o filho de uma geração negadora. Amou sempre a ironia e, cientificamente, não se defendeu das ilusões naturalistas. Cultivou como forças supremas a razão e a vontade, esta porventura ainda mais que aquela, pois foi sempre homem de uma vontade de ferro, que realizou tudo aquilo que queria, a não ser contra a Morte que lhe devastou, de modo cruciante, as mais caras esperanças do lar. Venceu na vida como um lutador incansável, paciente e teimoso. Mas sempre teve a preocupação religiosa, talvez mesmo uma obsessão constante das coisas sobrenaturais, traduzida na sua veneração quotidiana por Elizabeth Leseur, por Santa Terezinha e, sobretudo, por São Francisco de Assis. Esse romancista, que tanto brincou com o pecado em seus livros, e cuja leitura predileta eram os dicionários, não conhecia de trás para diante o "flos sanctorum" apenas por dilettantismo. Era mais do que o seu "violon d'Igres". Era o seu tradicional segredo. O seu jardim fechado. O seu mistério. A chave, talvez dos seus últimos momentos de lucidez mental.

"Vim fazer-lhe uma visita e trazer-lhe a extrema-unção. O senhor quer recebe-la?"

"Quero", respondeu a voz velada e gatural que já vinha de grutas profundas onde, se não fôra o apelo do levita, para

sempre se teria perdido.

Deixemos, por alguns momentos a nós, o homem do mundo e o homem de Deus. Só murmúrios chegavam do quarto fechado. Do que conversaram ou se conversaram, do que rezaram ou se rezaram, não sei. Nem podemos saber. Nem ninguém jamais saberá. O segredo desses colóquios supremos pertencem a um reino do silêncio, cuja dignidade nada de humano pode quebrar.

"Ele quer receber o sacramento. Vamos ministrá-lo", veio dizer-nos o Cardeal Arcebispo.

Nós três nos ajoelhamos e o ministro de Deus começa o rito litúrgico. Mergulha a ponta do polegar no óleo santo e vai seguindo sentido por sentido, o longo e tortuoso itinerário dos nossos pecados durante a vida. Per istam sacram unctonem et sua piissimam misericordiam indulgeat tibi Dominus quidquid per visum delinquisti". Por esta santa unção e sua clementíssima misericórdia perdoe-te o Senhor as faltas que cometeste pelo oihar.

Apenas pronunciadas as primeiras palavras do rito sagrado, movem-se lentamente as duas mãos descarnadas e roxas, até então imóveis ao longo do esqueleto, e vão aos poucos se unindo sobre o peito, como as mãos que ele unira sessenta anos antes na manhã de sua primeira comunhão sertaneja. O ancião volta à infância. O tumulto e o berço se encontram. O arco da vida se fecha harmoniosamente como se todas as curvas e aventuras encontrassem enfim a sua razão de ser na volta à casa

(Continua na 10.a pág.)